



Artigos

Revistas femininas do século XIX: os primeiros passos

Carlos Costa

*Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes/USP
Coordenador do curso de Jornalismo da Faculdade Casper Líbero
E-mail: ccosta@casperlibero.edu.br*

Se a mulher se destaca em diversos setores da sociedade brasileira de hoje e algumas são ícones, esse foi um longo caminho. Nele, as revistas femininas do século XIX (as escritas por mulheres e para mulheres, como *O Jornal das Senhoras*, *O Sexo Feminino* e *A Família*) e suas combativas criadoras tiveram importante papel. Esse artigo busca relembrar um pouco dessa história. **Palavras-chave:** mulheres na sociedade; revistas; jornalistas precursoras; imprensa do século XIX.

19th century Women's magazines: first steps

Today, women stand out in several positions in Brazilian society and some are even icons, but for that to happen, there was a long journey before. Thus, women's magazines of the nineteenth century (written by women and for women, as *O Jornal das Senhoras*, *O Sexo Feminino* and *A Família*) and its combative female founders played an important role. The main goal for this article is to recall some of that history.

Keywords: women in Brazilian society; magazines; female journalists; Press in the 19th century.

Revistas Femininas del siglo XIX: primeros pasos

Si hoy en Brasil la mujer se encuentra en los diversos sectores de la sociedad y algunas son iconos, eso fue luego de un largo camino. En él, las revistas femeninas del siglo XIX (escritas por mujeres y para las mujeres, como *O Jornal das Senhoras*, *O Sexo Feminino* y *A Família*) y sus combativas creadoras jugaron un rol importante. Este artículo trata de recordar algo de esa historia.

Palabras clave: las mujeres en la sociedad; revistas; periodistas precursoras; prensa del siglo XIX.

Em meio a análises sobre o papel social feminino em seu livro *O Segundo Sexo*, a escritora francesa Simone de Beauvoir escreveu: “Toda a história das mulheres foi escrita pelos homens”. Essa obra, de 1949, é um dos expoentes literários do movimento feminista e, não por acaso, contemporânea à Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, documento da Organização das Nações Unidas (ONU) que pela primeira vez reconhece a mulher como cidadã em âmbito internacional, na direção da luta pela igualdade de gêneros.

É notável o contraste entre a afirmação de Beauvoir, em meados do século passado, e algumas lideranças da atualidade, que protagonizam e escrevem a história das mulheres. Como Michelle Bachelet, médica e política, eleita pela segunda vez presidente do Chile em 2014. Defensora da democracia durante a ditadura de Pinochet, Bachelet é militante de causas feministas e chegou a ocupar o cargo de Diretora Executiva da ONU Mulheres – entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres, criada pela Assembleia Geral da ONU em julho de 2010.

Outro exemplo desse contraste é o da menina Malala Yousafzai, estudante e ativista paquistanesa, baleada na cabeça aos 15 anos por representantes do Talibã devido a sua postura de denúncia contra as proibições quanto ao acesso à educação de meninas no Paquistão. Felizmente, Yousafzai sobreviveu ao atentado, sendo premiada por diversas organizações, do respeitado Prêmio Sakharov para a Liberdade de Pensamento, do Parlamento Europeu, ao Nobel da Paz em 2014.

No Brasil, exemplos de personalidades femininas que escrevem a história são a jurista Maria Berenice Dias ou a bióloga Mayana Zatz. Maria Berenice Dias, primeira mulher a ingressar na magistratura no Estado do Rio Grande do Sul, em 1973, é uma das responsáveis pela primeira decisão judicial no Brasil que reconheceu a união civil entre pessoas do mesmo sexo, em 2001. Fundadora do primeiro escritório de advocacia especializado em direito homoafetivo, Maria Berenice milita na ampliação dos direitos das mulheres e da comunidade LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros).

No campo científico, a geneticista e bióloga Mayana Zatz (ganhadora de diversos prêmios nacionais e internacionais nos campos da genética e biologia molecular), membro da Academia Brasileira de Ciências, coordena atualmente o Centro de Pesquisas sobre o Genoma Humano e Células-tronco da USP, liderando importantes pesquisas com células-tronco em doenças neuromusculares e neurológicas.

A lista pode ser muito mais longa. Mas se a história das mulheres foi por muito tempo escrita pelos homens, hoje temos em contrapartida um cenário de grandes figuras, mais participações femininas nos universos político, cultural e profissional. E isso se deve a um longo processo de lutas, questionamentos e reivindicações, esparsas e pontuais, a princípio, mas que foram evoluindo para uma realidade de mais conquistas substanciais pela inclusão social da mulher.

Nesse sentido, destacam-se na história do jornalismo brasileiro algumas escritoras e obras não tão amplamente conhecidas do grande público, mas responsáveis por importante contribuição ao universo feminista, à busca por maior poder de expressão da mulher e abordagens literárias inovadoras.

A imprensa feminina brasileira que surgiu na segunda metade do século XIX se caracterizou pela miscelânea de assuntos abordados, o que de resto ainda permanece como um de seus traços. Poesia, receitas de bolo, reportagens, figurinos, artigos de psicologia, horóscopo, fofocas, arquitetura, educação infantil, saúde, corte e costura e o indefectível consultório sentimental – presente já no que é considerado o primeiro periódico feminino, o *Lady's Mercury*, editado na Grã-Bretanha em 1693 (BUITONI: 1981, p. 10), compõem essa miscelânea. Tudo parece e pode pertencer ao universo feminino, e isso é apenas uma herança dos populares “almanaques”, de alguma forma os antecessores da imprensa feminina.

Sucesso de vendas com a popularização do invento de Gutenberg, ao longo dos séculos XVI e XVII, os almanaques traziam conselhos práticos de economia doméstica, medicina caseira, listavam os santos do dia, com recomendações práticas de agricultura, numa espécie de manual de dicas e conselhos práticos para uma sociedade eminentemente rural. Deles as revistas femininas herdaram o tom e a aplicabilidade dos conselhos. Foi assim com a que pode ser considerada a primeira revista realmente feminina no Brasil, *O Jornal das Senhoras*. Por que realmente feminina? Porque antes dela muitas publicações usavam do subterfúgio de ser “dedicadas às mulheres brasileiras”, mas eram escritas por homens. Entre essas revistas escritas por homens, podem ser citadas: *O Espelho Diamantino: periódico de política, literatura, belas artes, teatro e modas* (1827-1828); *Espelho das brasileiras* (1831); *Museo Universal: jornal das famílias brasileiras* (1837-1840); *Correio das Modas* (1839-1840).

A revista *O Jornal das Senhoras*, considerada a primeira publicação de “cor-te feminino”, porque produzida por mulheres e para mulheres, trazia como subtítulo “Modas, Literatura, Belas-Artes, Teatros e Crítica”. Era semanal, com oito páginas, e saía com data de domingo. Costumava trazer brindes para as leitoras: moldes de vestidos e sugestões de penteado, além de partituras de piano.

Sua criação pode ser atribuída à escritora argentina Joana Manso de Noronha, que migrou com a família para o Brasil, fugindo da perseguição política sofrida por seu pai durante a ditadura de Juan Manuel Rosas. Segundo Joana, que assina o editorial do primeiro número da publicação, *O Jornal das Senhoras* vinha “para propagar a ilustração e cooperar com todas as forças para o melhoramento social e para a emancipação moral da mulher”. Joanna teria se separado do marido brasileiro em 1853, voltando para a Argentina e continuou lá seu trabalho de educadora e de militante. Em seu lugar, a baiana Violante Ximenes Bivar e Velasco assumiu a condução do periódico.

Filha de Diogo Soares da Silva Bivar (o redator do jornal pioneiro da Bahia, o *Idade d'Ouro do Brazil*, e da primeira “revista” nacional, *As Variedades ou Ensaios de Literatura*), Violante dirigiu *O Jornal das Senhoras* até o seu final, em 1855. Feminista convicta, casada com o tenente João Antônio Boaventura Velasco, já em seu tempo ela foi considerada a primeira jornalista brasileira, por escritores e homens da imprensa como Joaquim Manuel de Macedo, Afonso Costa e Barros Vidal. (De fato, a primeira jornalista do país foi a potiguar Dionísia Gonçalves Pinto, conhecida pelo pseudônimo de Nísia Floresta Brasileira Augusta [1810-1885], uma das colaboradoras do periódico recifense *Espelho das brasileiras*).

Tradutora e intelectual de prestígio no ambiente da corte carioca, Violante defendia a igualdade intelectual entre os sexos. Mas a publicação dirigida por ela seguia uma receita menos ousada: a mulher deveria se instruir para conseguir um bom marido, ser boa esposa e educar bem os filhos (subentendido, os herdeiros verões). Um bom exemplo dessa postura da revista é o texto “Amor e ortografia”, publicado no número 14 da revista, que circulou no domingo 4 de abril de 1852.

Assinado por uma leitora de Itaguaí, identificada como Adelaide, o artigo comenta como as mulheres ainda padecem as inconveniências da ignorância e da falta de formação e de ilustração. E exemplifica com o desagradável episódio acontecido com Rosinha, moça bonita e considerada um bom partido, filha de uma família abastada da vila de Itaguaí, por volta de 1827. Embora não fosse costume a mocinha aprender a ler e escrever mesmo em famílias de posses como aquela, Rosinha aprendera os rudimentos com um tio, vigário na cidade de Guaratinguetá.

O fato é que a donzela conheceu um jovem que passava férias no vilarejo, os dois se apaixonaram e, antes de regressar à capital para seguir os estudos, Júlio a pede oficialmente em casamento. Tempos depois, Rosinha recebe uma carta do amado. Corre para o quarto a fim de ler escondida a missiva. Mas aí acontece o desastre. Por não saber ler corretamente, ela entende ao contrário a mensagem, por uma questão de pontuação. Ela leu: “Preferir na tua ausência outra mulher, nunca ser teu fiel esposo, é e será sempre o meu mais querido desejo. – Julio”. A família se revolta com a atitude do noivo, Rosinha casa às pressas com um roceiro da vizinhança.

Quando Júlio regressa para buscá-la, dois anos depois, ao final dos estudos, encontra a situação irreversível. Afinal, ele havia escrito: “Preferir na tua ausência outra mulher? Nunca! Ser teu fiel esposo é e será sempre o meu mais querido desejo. – Julio”. Moral da história: por não saber ler corretamente, Rosinha perdeu um marido que era um grande partido.

O sucesso do *Jornal das Senhoras* serviu como alavanca para que outras iniciativas surgissem. Como o relançamento, pela casa impressora dos irmãos *Laemmerts*, de seu *Correio das Modas*, que deixara de circular em 1840. A publicação voltou a circular em março de 1852, em formato maior e com o nome de Novo Correio de Modas, “jornal do mundo elegante consagrado às famílias bra-

sileiras”. Circulou até outubro de 1854. Com esse filão aberto aparece, em 1856, o *Recreio do Bello Sexo*, com o subtítulo de “*modas, litteratura, bellas-artes e theatro*”. E o grande editor Francisco de Paula Brito lança seu *O Espelho: Revista de litteratura, modas, industria e artes*, que circulará entre 4 de setembro de 1859 e 1 de janeiro de 1860, somando dezoito números. Mas é em Campanha, pequena cidade de Minas Gerais, que a professora Francisca Senhorinha da Motta Diniz lança, no ano de 1873, *O Sexo Feminino*.

Criada por uma combativa professora no interior das Minas Gerais, *O Sexo Feminino* fará tanto sucesso que sua mentora se mudará, de “mala e cuia”, para brilhar na Corte. Iniciada por Francisca Senhorinha da Motta Diniz na cidade de Campanha, Minas Gerais, seu primeiro número apareceu no 7 de Setembro de 1873. Arrebanhando rapidamente um número de oitocentas assinaturas, algo notável para a época, o periódico não demorou a alcançar a Corte, para onde a redação se transferiria dois anos depois.

Nascida em São João del Rei, Francisca era professora e sua atividade docente se revela nos textos da publicação, que produzia com a colaboração das filhas e de outras senhoras, inicialmente de Campanha, depois do Rio de Janeiro. Após alguns meses de interrupção, como se disse, a revista passou a ser publicada no Rio de Janeiro, a partir de 22 de julho de 1875.

A educação e o aprimoramento da mulher, assuntos que foram carros-chefe de *O Jornal das Senhoras*, voltam com força no periódico desta mineira. A ignorância, não o homem, era o inimigo com quem a mulher deveria lutar. A ignorância fazia que ela desconhecesse seus direitos, tornando-a escrava e não companheira do homem, era o tom dos editoriais da professora. Para Francisca Senhorinha da Motta Diniz a mulher educada seria a solução para os problemas brasileiros – tudo se resolveria com sua efetiva participação na sociedade.

O primeiro número de *O Sexo Feminino*, de 7 de setembro de 1873, abre com um editorial: “A educação da mulher”. Não traz assinatura, mas mostra a bandeira da publicação:

Zombem muito embora os pessimistas do aparecimento de um novo órgão na imprensa. [...] *O Sexo Feminino* aparece, há de lutar, e lutar até morrer: morrerá talvez, mas sua morte será gloriosa e a posteridade julgará o perseguidor e o perseguido. O século XIX, século das luzes, não se findará sem que os homens se convençam de que mais da metade dos males que os oprimem é devida ao descuido que eles tem tido da educação das mulheres, e ao falso suposto de pensarem que a mulher não passa de um traste de casa. [...] Em vez de pais de família mandarem ensinar suas filhas a coser, engomar, lavar, cozinhar, varrer a casa, etc., etc., mandem-lhes ensinar a ler, escrever, contar, gramática da língua nacional perfeitamente, e depois, economia e medicina doméstica, a puericultura a literatura (ao menos a nacional e portuguesa), a filosofia, a história, a geografia, a física, a química

[...]; que estas meninas assim educadas não dirão quando moças estas tristes palavras: “Se meu pai, minha mãe, meu irmão, meu marido morrerem o que será de mim!”

Na semana seguinte, 14 de setembro de 1873, a publicação volta à carga, com o editorial “Emancipação da mulher”. “Já circula por ahi o primeiro numero do *Sexo Feminino*, periódico que se dedica a defesa dos direitos da mulher”, diz a editora na abertura. E reafirma sua fé na capacidade transformadora do aprendizado. “É à sciencia, não á espada que incumbe dididir as mais complicadas desavenças humanas.” Prepare-se o futuro pela educação e instrução do sexo frágil, brada.

Esse segundo número, na segunda página, apresenta outro texto retórico: “A minhas patrícias” repete a constatação que a mulher é um “joguete que o capricho de qualquer estóico coloca no canto da casa ou atira barbaramente à última escala social”. “Instrução para o sexo feminino, minhas caras patrícias! Não cessemos de pugnar e clamar até que completamente consigamos este desideratum!”

Francisca Senhorinha da Motta Diniz foi pioneira em sua postura em favor do voto feminino. Quando, após a proclamação da República, o voto foi estendido a todos os homens alfabetizados, excluindo as mulheres, a professora mudou o nome da publicação para *O Quinze de Novembro do Sexo Feminino*, trazendo uma coluna para a discussão sobre o voto e a participação da mulher na política.

O próprio nome da publicação [*O Sexo Feminino*] mostra seu caráter mais comprometido. O tom das matérias demonstra esse espírito, como podemos ver em alguns trechos, publicados na matéria “O que queremos”, de 25 de outubro de 1873: “Queremos a nossa emancipação, a regeneração dos costumes; / Queremos reaver nossos direitos perdidos; / Queremos a educação verdadeira que não se nos tem dado a fim de que possamos educar também nossos filhos; / Queremos instrução para conhecermos nossos direitos e dele usarmos em ocasião oportuna; / Queremos conhecer os negócios de nosso casal, para bem administrá-los quando a isso formos obrigadas; / Queremos, enfim, saber o que fazemos, o porque, o pelo que das coisas; / Queremos ser companheiras de nossos maridos, não escravas; / Só o que não queremos é continuar a viver enganadas” (BUITONI, 1981: p. 23).

Outras revistas seguiram esse modelo nas décadas seguintes, mas o grande sucesso editorial da segunda metade do século XIX foi a revista *A Estação* (1879-1904). Lançada pelo livreiro e tipógrafo belga Jean Baptiste Lombaerts, juntamente com seu filho, Henri Gustave, em 15 de janeiro de 1879, a revista quinzenal *A Estação: Jornal Ilustrado para a Família* era a versão brasileira da internacionalmente bem-sucedida *La Saison*, publicação francesa de moda e tendências. No Brasil, introduziu a novidade de uma seção dedicada à literatura, por onde passaram nomes famosos, como Machado

de Assis. Além disso, a revista era um cardápio rico de sugestões de bordados, manualidades, moldes de roupas, acessórios femininos em geral.

Mas o que nos interessa aqui são duas publicações do final do século XIX, que caminharam na contramão dessa tendência cor-de-rosa. E com duas mulheres à frente da empreitada.

Um desses exemplos é o da pernambucana Josefina Álvares de Azevedo e seu jornal feminino *A Família*, fundado por ela em 1888. Durante dez anos, a publicação tratou de temas como a educação, participação ativa das mulheres na política, economia e medicina, além da união das leitoras para fortalecer o movimento em prol da causa feminina. Em continuidade, a revista *A Mensageira*, criada e dirigida pela poetisa mineira Presciliana Duarte de Almeida, circulou entre 1897 a 1900, com o lema: *Revista literária dedicada à mulher brasileira*. Ao lado de importantes colaboradoras, como Júlia Lopes de Almeida, escritora de grande prestígio, a portuguesa Guiomar Torrezão, escritora e líder feminista, além da própria Josefina Álvares de Azevedo, a publicação quinzenal reunia contos e poemas escritos por mulheres, seguindo a linha de pensamento de Presciliana, que enxergava a imprensa como importante meio de incentivo à presença feminina na literatura e na vida cidadã.

Assuntos costumeiramente direcionados às mulheres – como moda, culinária ou os trabalhos manuais – foram deixados de lado por essa revista para ceder espaço a publicações a respeito das lutas e conquistas do movimento feminista nos âmbitos nacional e internacional, além de editoriais com reflexões críticas sobre o papel social da mulher.

A Mensageira ainda se destacou por trazer a educação como principal instrumento de libertação e empoderamento femininos, na busca por maior acesso da mulher ao mercado de trabalho e seu direito a voto. A ideia de educação defendida pela revista procurava ampliar o acesso à formação intelectual, com desenvolvimento de pensamento crítico, em detrimento da chamada educação moral, voltada ao mero cumprimento de sua função familiar, num contexto de sociedade conservadora. A revista noticiava o sucesso de mulheres na advocacia, na medicina, num incentivo claro contra o conformismo imperante.

Como panorama histórico, o Brasil vivia, na época da criação da revista, os efeitos dos avanços tecnológicos, industriais e a efervescência cultural da Europa, além de novas configurações sociais resultantes da abolição da escravatura, surgimento de novo mercado consumidor, trabalhadores assalariados e os crescentes fluxos de imigração europeia.

Todas essas transformações consolidaram as práticas capitalistas no aspecto econômico e, aos poucos, o liberalismo como ideologia norteadora de reivindicações por mais direitos civis, liberdade política, econômica, sexual e emancipação da mulher. Nesse cenário, *A Mensageira*, ao defender direitos educacionais e o redesenho do papel

da mulher na sociedade, é um exemplo de como o pensamento liberal ultrapassou os limites do capitalismo, fomentando discussões sociais acerca do movimento feminista.

A revista, contudo, fez parte de um feminismo ainda incipiente, acabando por recair em contradições que evidenciam a presença ainda forte do machismo na sociedade brasileira. Ao mesmo tempo em que questiona o papel da mulher, defendendo suas inclusões educacional e profissional, também reafirma seu papel como mãe, esposa e guardiã do lar. São exemplos os trechos do primeiro número: “Por enquanto, temos apreciado apenas a mulher como um ente sensível; agora é preciso que a vejamos também como uma criatura intelectual, pois é necessário que ela pense para que possa sentir mais nobremente” (15 de outubro de 1897, página 10).

Em seu segundo número, publicado em 30 de outubro de 1897, a jornalista Maria Emília escreve o texto de abertura, “Falso encanto”.

Sempre que se fala em modificar a educação da mulher ou ampliar os seus meios de ação, aparece alguém que faça a apologia da mulher como rainha que deve ser... pela fraqueza! Que o encanto da mulher está justamente na sua ignorância, na sua timidez, na sua infantilidade! Pensem assim ou não, entretanto, queiram ou não queiram, a mulher instruída, forte, capaz de velar à cabeceira de um filho enfermo, auxiliando as perscrutações da ciência; ou de repelir com energia as chalaças de qualquer imbecil, será a mulher do futuro, será a verdadeira companheira do homem, que sabe participar de seus pensamentos e ajudá-lo em todas as resoluções difíceis. A posição negligente de tutelada deixará de existir quando a mulher compreender que sobre seus ombros pesam também as responsabilidades sociais.

Apesar dessas ambiguidades, que reforçam estereótipos femininos ligados a ideias de sexo frágil, dona de casa, *A Mensageira* não deixa de registrar sua importância enquanto publicação que buscou a ampla inserção da mulher, tanto por meio da divulgação de suas produções literárias, quanto na defesa pela educação voltada para a formação de seu senso crítico.

Esses primeiros questionamentos, ainda que submissos às inconsistências de um feminismo iniciante, foram indispensáveis para a identificação das mazelas em torno de uma cultura machista e patriarcal, sendo esta a verdadeira responsável por nosso histórico de repressão feminina.

O Jornal das Senhoras, O Sexo Feminino, A Mensageira e A Família, entre outras tantas publicações, contribuíram com uma participação inegável em meio a esse processo de conquistas. Se hoje as mulheres escrevem a história que protagonizam, reúnem importantes feitos sociais, políticos, num cenário global cada vez mais consciente da importância da isonomia e neutralidade entre os gêneros, é, sem dúvidas, graças a essas expressões artístico-literárias, primeiros passos de uma longa jornada iniciada na segunda metade do século XIX.

Referências

- BITTONI, D. H. S. **Mulher de papel: Representação de mulheres pela imprensa feminina brasileira**. São Paulo: Loyola, 1981.
- _____. **Imprensa feminina**. São Paulo: Ática, 1990.
- COSTA, C. **A revista no Brasil do século XIX**. São Paulo: Alameda Editorial, 2013.
- GUIMARÃES, H. S. **Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século XIX**. São Paulo: Nankin Editorial/Edusp, 2004.
- MOREL, M. e BARROS, M. M. **Palavra, imagem e poder**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.
- SODRÉ, N. W. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- VAINFAS, R. (Org.) **Dicionário do Brasil Imperial (1822-1889)**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

Revistas consultadas em fac-símile

A Mensageira. Revista Literária dedicada à mulher brasileira. São Paulo: Imesp, 1987 (2 volumes).

Revistas consultadas em microfilme (Biblioteca Nacional)

- A Estação: jornal ilustrado para a família** (1879-1904). PR SOR 04641 [1-13].
- Correio das Modas: jornal crítico e litterario das modas, bailes, theatros...** (1839-1840). PR SOR 02189 [1].
- Espelho das brasileiras** (1831). PR SOR 4848[1].
- Museo Universal: jornal das famílias brasileiras** (1837-1840) PR SOR 613[1-3].
- O Espelho Diamantino: periódico de política, litteratura, bellas artes, teatro e modas** (1827-1828). PR SOR 00299 [1].
- O Jornal das Senhoras: modas, litteratura, bellas-artes, teatro e critica** (1852-1855). PR SOR 02157 [1-2].
- O Quinze de Novembro do sexo feminino: periodico quinzenal, litterário, recreativo e noticioso** (1889-1890). PR SOR 00085 [1].
- O Sexo Feminino: semanário dedicado aos interesses da mulher** (1873-1874). PR SOR 00075 [1].

O texto recebeu contribuições de Mônica Pirrongelli, bacharel em Direito pela PUC-SP, escritora e estudante de Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero.

Anexo

Imagens retiradas do acervo da Biblioteca Nacional



Capa de *A Mensageira*



Capa de *O Jornal das Senhoras*



Imagens retiradas de *O Jornal das Senhoras*